

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte *Diário da Manhã (6.0.)*

Class.: *07*

Data *14 de Julho de 1982*

Pg.: \_\_\_\_\_

### CARTAS

#### *190* Muito missionário para pouco índio

O antropólogo Rubem César Fernandes publicou, em colaboração com Carlos Alberto Ricardo e Anthony Seeger, importante ensaio intitulado *Um exército de anjos*, na excelente revista *Religião e sociedade*, editada pela Tempo e Presença Editora. Nele, analisa com pormenores as razões da Missão Novas Tribos, especializada em alcançar, com o Evangelho de Jesus de Nazaré, os nossos silvícolas.

A missão nos é familiar de longa data, eis que foi presidida muitos anos por um tio de saudosa memória, Luiz Monteiro da Cruz, idealista que deixou suas atividades profissionais lucrativas para se dedicar de corpo e alma à obra de Deus.

"O protestantismo desaprendeu a arte de pensar", disse, entretanto, o teólogo Rubem Azevedo Alves, professor da Unicamp. Assim é que um forte contingente de evangélicos sinceros, crentes piedosos, dedicam anos e bens de suas vindas a obras que, se suficientemente analisadas, mostrariam lados questionáveis.

Contou-me um seminarista que passou alguns dias no Instituto Bíblico Peniel, em Jacutinga, MG; há uns dez anos. Enquanto os diretores norte-americanos viviam em esplendorosas casas, os estudantes brasileiros tinham acomodações modestíssimas, cabendo-lhes, inclusive, a título de compensação por estudos gratuitos, lavar os sanitários dos professores. Nada a estranhar, se estivessem dentro de uma multinacional capitalista. Muito a estranhar se se trata de companheiros de comunidade no afã de salvar almas. Mas a análise de Rubem César é mais profunda.

"Por que os indígenas são tão atraentes para os protestantes norte-americanos? Nossos departamentos de antropologia costumam dar-se por satisfeitos quando um colega chega a passar seis meses "no campo". A Funai padece com a carência de quadros para o trabalho de base e mal consegue preencher as posições de chefia nos postos já instalados. Mas as agências de missão protestante não parecem ter problemas de pessoal. Há sempre recursos disponíveis e uma longa lista de candidatos à espera da licença oficial para fazer mais uma entrada na mata. Outro fato a merecer atenção, segundo Rubem César, é que nove, entre as dez maiores agências norte-americanas são fundamentalistas. O fundamentalista, no protestantismo, é um anticomunista ferrenho. Crê literalmente nas Escrituras "a ponto de, se elas afirmassem que foi Jonas que comeu o grande peixe e não o contrário, ainda assim eu acreditaria". Donos da verdade, portanto reacionários ao extremo. É capaz de encontrarmos entre eles quem ache Ronald Reagan um perigoso esquerdista...

As maiores e mais tradicionais igrejas protestantes nunca se dispuseram a engrossar o caldo que levou a esta impressionante estatística: 36,5% dos missionários militantes, em 1973, dedicavam-se uma parcela menor do que 0,5% da população brasileira. Esta "estratégia intrigante", como Rubem a chamou, nos faz perguntar por que isto. Não seria muito mais racional gastar recursos e pessoas em países ateus ou de religião bem distante do cristianismo, como, por exemplo, o islamismo, do que vir para um país católico e, portanto, com doutrinas muito em comum com os evangélicos? E, no caso de Brasil ainda, por que não empregar tanta mão-de-obra em lugares mais densamente povoados? Não nos podem acusar de maldade se começarmos a fazer mais e mais perguntas. Afinal, o continente latino-americano é cada vez mais envolvido em especulações bem misteriosas.

No Brasil, a Missão Novas Tribos entrou em 1964, sendo apoiada por quatro instituições. Além da já citada, em Minas, a escola para filhos de missionários em Puraquequara, Manaus, AM, o Instituto Missionário Shekinah, em Rio Brilhante, MS, e o Instituto Lingüístico Ebenézer, em Viçosa, GO.

Mais um fato interessante: "A maior parte dos missionários não passou do secundário e há um número significativo que só tem o primário. O material didático utilizado em cursos nos EUA indica um alheamento radical em relação à antropologia científica, com uma pequena brecha somente no campo da lingüística aplicada à tradução da Bíblia; e também um afastamento programático dos métodos de exegese e críticas filológicas da Bíblia, praticados nos seminários próximos dos meios universitários".

Não dá o que pensar?

Pastor Roberto Vicente Themudo

Lessa

Secretário do Sínodo Regional da Igreja Presbiteriana Independente

Freguesia do O — São Paulo —

SP